

Dr. Mark Jennings, Mark, Aula 8, Marcos 4:1-34, Sobre as Parábolas

© 2024 Mark Jennings e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 8 sobre Marcos 4:1-34, Sobre as Parábolas.

Olá, é bom estar de volta com vocês enquanto continuamos nosso estudo através do Evangelho de Marcos.

Até este ponto, os três primeiros capítulos, a maior parte da nossa atenção tem se concentrado nas ações que Jesus fez em seu ministério público. Vimos uma grande variedade de milagres, exorcismos e confrontos entre ele e líderes religiosos. Com Marcos capítulo quatro, mudamos um pouco para uma forma particular de seu ensino, que é feito em parábolas.

Agora, uma das coisas que vemos com Marcos, tipicamente Marcos com suas parábolas, é que ele as usa por toda parte; você verá Jesus usá-las por todo o seu ministério como formas de falar contra, se preferir, os líderes religiosos. Em Marcos capítulo quatro, porém, o uso de parábolas é um pouco diferente. Ela tem uma qualidade de aspecto mais didático, projetada também para seus discípulos.

E Marcos faz algo similar a Mateus, que é pegar essas parábolas e localizá-las principalmente em um capítulo. Mateus faz isso em Mateus capítulo 13, e vemos isso em Marcos capítulo 4. Então, mudamos um pouco das ações de Jesus para alguns dos ensinamentos de Jesus em uma forma específica de seu ensinamento, que são as parábolas.

Por essa razão, pode ser útil para nós gastar um pouco de tempo pensando apenas sobre parábolas e o uso de parábolas por Jesus antes de olharmos para alguns exemplos em Marcos capítulo quatro. As parábolas de Jesus são talvez os mais conhecidos de seus ensinamentos. Mesmo que alguém não saiba nada sobre Jesus, há uma chance de que alguém saiba algo sobre suas parábolas.

Por exemplo, bom samaritano, filho pródigo, semente de mostarda. Esses são termos que encontraram seu caminho em nosso vernáculo, nossa compreensão das coisas. Há sociedades ou grupos, por exemplo, que se autodenominam bons samaritanos.

Isso agora é um elogio, ou o filho pródigo retorna, que é uma frase frequentemente usada em conversas. E Snodgrass, o Professor Snodgrass, que faz um trabalho maravilhoso sobre parábolas, tem um livro chamado *Stories with Intent*, que é, eu acho, um resumo muito bom. Ele faz a seguinte declaração.

Se é verdade que Jesus é o receptáculo no qual todo teólogo despeja suas ideias, as parábolas são o jarro que eles geralmente usam para despejar. O ponto é que há algo sobre as parábolas que é um ponto de entrada, se você preferir, para discutir Jesus. E você pode entender o porquê.

Elas são eficazes. Elas são eficazes em parte porque são histórias. E como uma narrativa, elas imaginam um mundo onde uma pessoa pode ser confrontada com uma ideia, absorvida por uma ideia.

Elas são uma forma específica de discurso em que a verdade é revestida de história. Sabe, eu penso em uma boa pregação. Muitas vezes, uma boa pregação tem uma ilustração que é poderosa, que comunica uma verdade ou uma história, ou comunica uma verdade em uma história.

E então ele transmite uma ideia por meio de um método diferente da proclamação direta de uma verdade. E eu acho que esse é um dos atrativos das parábolas. Há uma rota indireta que acontece entre um professor e seus discípulos, no caso de Jesus, ou as multidões com parábolas.

É muito fácil fazer uma declaração, e quando alguém faz uma declaração, há resistência. Quase se torna natural. Eu vivo na Nova Inglaterra, na parte nordeste dos Estados Unidos, e suspeita e ceticismo são virtudes nessa área.

Se alguém diz algo, a resposta natural provavelmente não é verdade. Mas a história faz algo diferente. A história entra pela porta dos fundos, se preferir.

Kierkegaard fala sobre a força da história, onde você quase se torna parte da verdade contada sem nem saber. Há algo sobre a história que é menos ofensivo ou mais envolvente. Mas, é claro, uma parábola não é simplesmente uma história.

Em seu sentido mais amplo, refere-se a uma analogia expandida. E voltarei a falar sobre a definição de parábolas um pouco mais tarde. Mas é uma analogia expandida.

Ela busca fazer um ponto retórico. Você sabe, as parábolas de Jesus assumem um referente comum na maior parte. Elas pressupõem o reino de Deus.

Jesus frequentemente usará parábolas para explicar a natureza e a qualidade ou as características do reino de Deus, ou para pelo menos apresentar uma imagem do reino de Deus. Elas são contadas com intenção, em outras palavras. E são historicamente ancoradas.

Elas vêm de dentro do contexto do primeiro século. Elas fazem sentido no contexto do primeiro século. E esse é sempre um dos desafios na interpretação de parábolas:

tentar entender o contexto histórico da parábola sem simplesmente despejar uma compreensão das coisas do século XXI.

Alguns são bem diretos. Alguns são matizados. Sabe, há uma grande variedade.

Outros acham difícil determinar exatamente qual é a intenção. E mesmo parábolas que são principalmente sobre entender algo não são conhecimento sem raiz. Elas estão interagindo com o ouvinte de uma forma que o ouvinte entenderia.

Agora, quando olhamos para a interpretação de parábolas, por exemplo, historicamente falando, acho que precisamos estar cientes de duas tendências gerais nos últimos séculos. Primeiro, a tendência da maioria dos intérpretes de parábolas até o final do século XIX era alegorizá-las. Ou seja, fazer com que os diferentes elementos da parábola representem algo ou simbolicamente algo.

Esta é uma leitura da história. Não estava necessariamente lá, algo que não estava necessariamente lá, uma parte da intenção de Jesus. Agora, a abordagem alegorizante parece ter alguma raiz no próprio Jesus.

Há algumas parábolas, uma que veremos hoje, onde Jesus dá muito símbolo e significado. Quando olhamos para a Parábola do Semeador, por exemplo, ele dá significados representativos. E isso pareceria em algum momento justificar uma abordagem alegorizante.

A dificuldade com isso é que Jesus não oferece uma interpretação de todas as suas parábolas da mesma forma. Há uma grande variedade de parábolas. Eu tendo a assumir que Jesus deu a interpretação para aquelas parábolas que necessitavam de uma abordagem alegórica.

E aqueles que não o fizeram, ele não o fez. No entanto, também precisamos entender que essa tendência alegorizante até o final do século XIX era amplamente baseada na suposição de que havia um significado quádruplo da Escritura. Por um longo período da Igreja, a Escritura podia ser interpretada como tendo um significado literal, o que ela realmente poderia ter dito, um significado alegórico, isto é, aquele significado simbólico do que diferentes elementos poderiam representar, uma abordagem ética, que falaria sobre como alguém então mudou ou entendeu seu mundo, e uma ideia celestial, que é como ela poderia descrever uma existência espiritual.

Então, você tinha nesse significado quádruplo da Escritura, toda a Escritura sendo interpretada por muitos séculos de acordo com um processo que incluía entendimento alegórico. Então não é surpreendente que as parábolas, especialmente, fossem consideradas muito favoráveis ou receptivas a alegorias concorrentes. Curiosamente, alegorias concorrentes poderiam ser aceitas.

Não era incomum ter diferentes interpretações alegóricas de parábolas, e isso de alguma forma parecia ser uma abordagem boa e aceitável. Então, na maioria dos séculos da Igreja, a interpretação de parábolas, você as interpretava alegorizando-as. Uma segunda abordagem, no entanto, que começou a surgir por volta do século XIX foi uma rejeição da alegorização por estudiosos modernos.

Mais notavelmente, Adolf Julicher, no final do século XIX, levantou a questão de como Jesus, como um simples galileu, havia ensinado de uma maneira tão complexa. Este foi o início da resposta ao Iluminismo e um desafio a Jesus como um professor que teria um método que permitiria ensinamentos alegóricos maiores. Então, especialmente aquelas parábolas que eram longas e elaboradas, das quais um significado simbólico era dado, começaram a ter a ideia de que isso deveria ser o produto da Igreja.

Talvez as parábolas muito simples, aquelas que parecem mais proverbiais por natureza, possam fazer mais sentido de um simples Galileu. Em muitos aspectos, embora os argumentos de Julicher não sejam mais válidos, o debate para interpretar parábolas tem sido definido entre alegorizar e rejeitar alegorizar ou métodos alegóricos como qualquer parte da intenção de Jesus com o ensinamento. E eu trago isso à tona porque esse debate então se concentra na questão de quanto de uma parábola é significativo para a compreensão.

Os elementos da parábola realmente representam algo? Existe uma correspondência entre imagem e realidade? Se há um correspondente, quem é responsável por essa correspondência? O leitor é responsável por essa correspondência? Jesus é responsável por essa correspondência? Isso me leva de volta a essa pergunta. O que é uma parábola? Tenha em mente que dificilmente há algo que eu poderia dizer que seria verdade para todas as parábolas. Na verdade, qualquer definição que seja muito ampla para cobrir todas as parábolas pode dificilmente ser útil.

E cada parábola deve ser examinada por si só. Simplesmente não podemos nos contentar, por exemplo, com definições de que parábolas são histórias terrenas com significados celestiais. Isso é verdade, mas há mais.

Não é tão útil. Muitas das parábolas não são sobre o céu. Elas são sobre a vida nesta terra.

Elas são mais do que ilustrações. Elas certamente são isso. Algumas parábolas são metáforas.

Algumas são símiles, mas algumas parábolas fazem mais do que isso. Elas podem ser vívidas. Elas podem ser estranhas e, às vezes, podem ser bem simples e chatas.

Kenneth Bailey, um poeta, talvez, eu acho que fornece a melhor definição que já ouvi de uma parábola. Ele os chamou de jardins imaginários com sapos reais neles. Eu gosto disso.

Gosto da ideia de jardins imaginários com sapos de verdade porque acho que isso cria uma imagem na minha mente sobre o que é uma parábola, e é isso que uma parábola tenta fazer, que é criar algo na mente do público que seja fictício e imaginário, mas também verdadeiro. As parábolas são projetadas para estimular o pensamento e a consideração. Essa é uma das coisas que vemos nas parábolas.

Não são fábulas simples, mas estão provocando uma resposta. Elas desejam estimular e incitar uma ação, especificamente uma ação em direção a Deus ou Jesus. Vemos isso ao longo das parábolas.

Elas obrigam, em outras palavras. E então, eu volto a essa ideia de parábolas como uma analogia expandida usada para convencer ou persuadir. Como uma analogia, faz sentido que elas possam facilmente se tornar alegóricas.

Há algum tipo de correspondência entre o que está sendo dito e o que está sendo desejado que seja conhecido. Você tem diferentes tipos de parábolas. Você tem similitudes, símiles estendidos e pouco desenvolvimento de enredo nelas.

Elas tendem a ser diretas. Algumas parábolas são muito parábolas de perguntas, onde a parábola inteira é uma pergunta. Quem entre vocês, etc., é frequentemente a forma que tal parábola envolveria.

E essas parábolas interrogativas forçam o leitor a responder à pergunta, geralmente com um não. Não, eu não agiria como a pessoa naquela parábola. Há parábolas que são mais expansivas, que têm enredos, que narram um evento em particular e que geralmente criam um problema ou possibilidade.

Geralmente há um diálogo que indica onde a resolução começa. Algumas parábolas escondem muito sua referência. Em outras palavras, a parábola é contada de tal forma que é somente no final que os leitores recebem uma autocondenação do que a história foi contada, mas eles não percebem até o final que estão, de fato, julgando a si mesmos.

Há muitos outros tipos de parábolas. Um tipo muito comum é o tipo "quanto mais", que teria sido comum tanto nos ensinamentos de Jesus quanto no judaísmo do Segundo Templo.

Este é o tipo de parábola muito mais do que Deus. Quando olhamos para ele com definições de uma parábola, precisamos apenas perceber que o que poderia ser

chamado de parábola não tem uma forma muito específica. As parábolas existem em estruturas muito diferentes.

E então, cada parábola, de muitas maneiras, tem que se sustentar por si só. Agora, isso não significa que não podemos identificar nenhuma característica das parábolas. Algumas das coisas que podemos dizer sobre muitas parábolas é que elas são frequentemente breves, às vezes até mesmo concisas.

Muitas vezes, exclui detalhes desnecessários. Parábolas são muito finas, se preferir, mesmo nas histórias maiores. Não há narrativa densa em parábolas.

Os motivos raramente são dados. Raramente temos uma razão pela qual certos personagens em uma parábola agem da maneira que agem, embora às vezes tenhamos alguma. Eles são marcados pela simplicidade.

Raramente, se é que alguma vez, há mais de dois grupos ou duas pessoas juntas na mesma cena. Geralmente é uma estrutura muito simples, frequentemente equilibrada. As parábolas focam principalmente em humanos, diferentemente das fábulas de Esopo, por exemplo, onde são os animais que tendem a desempenhar o papel principal.

As parábolas, na maior parte, vão focar em humanos. E é essa humanidade que as torna um espelho útil para as pessoas. Elas são fictícias, mas são da vida cotidiana.

Pode haver, é claro, alguns elementos pseudo-realistas, alguns elementos extremos que fazem parte da história. Uma das coisas principais, eu acho, na interpretação de parábolas é tentar encontrar a pergunta que está implícita que essa parábola está tentando responder. Então, por exemplo, quando uma parábola começa com, O Reino de Deus é como... Qual é a pergunta que impulsiona essa resposta? Falaremos um pouco sobre isso ao olhar algumas das parábolas de Marcos.

Parábolas frequentemente carregam elementos de inesperado ou reversão. Para ver o inesperado, porém, é preciso estar ciente do contexto histórico. Frequentemente, o momento surpresa vem do contexto em que está sendo contado.

Muitas vezes, o assunto crucial está no final. Se você quer saber onde está o clímax de uma parábola, geralmente ele vem perto do final. Com as parábolas de Jesus, elas são quase sempre teocêntricas sobre Deus e Seu Reino.

Frequentemente haverá uma alusão ao Antigo Testamento nela. Frequentemente, uma parábola é melhor entendida como um todo e não em partes individuais, especialmente se eu retornar à ideia de que o Reino de Deus é como parábolas. Um erro que é frequentemente cometido na interpretação dessas parábolas é então

começar a alegorizar todos os diferentes indivíduos quando na verdade é o sentido da coisa toda.

O Reino de Deus é como uma mulher que, você sabe, então preenche, que está perdida, procura e encontra freneticamente. E então, não queremos dizer, bem, a pérola representa isso, a mulher representa isso, a casa representa isso. É a imagem inteira desse evento que é como o Reino de Deus é.

Há uma exatidão nas parábolas. Há limites para elas. Temos que ter muito cuidado ao preencher o que podemos pensar que está omitido.

As parábolas não querem que imponhamos o tempo real a elas. Temos que ter muito cuidado ao pensar em uma parábola dizendo, bem, tinha que haver uma passagem de tempo entre quando o servo podia chegar lá e relatar e voltar, e de repente, acabamos fazendo um grande alarido sobre o que foi deixado de fora em vez do que foi declarado. E eu frequentemente penso que no final, temos que perceber que as parábolas são um elemento de ensino de Jesus.

Isso é extremamente útil porque a suposição então é que podemos encontrar conexões entre o que Jesus disse em suas declarações não parabólicas e as parábolas, que elas devem coincidir. E então, se encontrarmos interpretações de parábolas que têm pouca ou nenhuma conexão com qualquer um dos ensinamentos de Jesus, provavelmente estamos em terreno delicado e perigoso em termos de interpretação das parábolas, novamente, assumindo que Jesus foi um professor consistente. Esses são apenas alguns dos elementos que eu queria que pensássemos um pouco enquanto entramos nas parábolas, parábolas que podem parecer tão simples, mas também tão problemáticas.

Então, quando olhamos para Marcos capítulo 4, no qual temos uma coleção de parábolas, quero olhar um pouco para Marcos 4, 1 a 20, e então para algumas parábolas de 21 a 34. Não vou passar por cada uma delas, mas para nos dar uma noção de como as parábolas funcionam no ensino de Jesus. Quero destacar apenas alguns destaques.

Então, deixe-me começar com a Parábola do Semeador, que, aliás, sempre pensei ser um nome impróprio. Tem menos a ver com o semeador do que com os solos, mas os publicadores na história da igreja a chamaram de parábola do semeador, e assim, vamos com isso. Novamente, Jesus começou a ensinar perto do lago.

A multidão se reuniu ao redor dele tão grande que ele entrou em um barco e o colocou no lago enquanto as pessoas que estavam ao longo da costa na beira da água. Isso está no primeiro versículo, e isso é consistente com o que vimos no Evangelho de Marcos, que é a popularidade como um professor. Portanto, a criação deste ensino é consistente com o que sabemos.

E é aqui que chegamos às suas primeiras declarações resumidas. Ele ensinou-lhes muitas coisas por parábolas, e em seu ensino disse, ouçam, um fazendeiro saiu para semear sua semente, e enquanto ele estava espalhando a semente, algumas caíram ao longo do caminho, e os pássaros vieram e as comeram. Algumas caíram em lugares rochosos onde não havia muito solo.

Ela brotou rapidamente porque o solo era raso, mas quando o sol nasceu, as plantas foram queimadas e secaram porque não tinham raiz. Outras sementes caíram entre espinhos, que cresceram e sufocaram as plantas, de modo que não deram grãos. Outras sementes ainda caíram em boa terra.

Ela surgiu, cresceu e produziu uma colheita, multiplicando-se 30, 60 ou até 100 vezes. Primeiros oito versos. Então, os primeiros oito versos aqui descrevem sementes caindo em diferentes solos.

É interessante. Há muito tempo gasto tentando descobrir exatamente como isso reflete as práticas agrícolas palestinas ou não. E, novamente, acho que há um pouco de tentativa de forçar o que é claramente uma analogia e o que está descrevendo sementes caindo em solo preparado e não preparado.

E o sentido da parábola então é essa questão de condições externas. Note que é a mesma semente, é o mesmo semeador, a única variável é onde o solo está caindo. Versículo nove, o rendimento.

Acho interessante. Não é uma produção absurda, essas 30, 60 ou mesmo 100 vezes. É certamente uma colheita abundante.

Isso me lembra um pouco de Gênesis 26, 12, onde o Senhor abençoa Isaque com uma colheita abundante de cem vezes mais. E então talvez haja até mesmo uma dica ou eco ali. Mas então muito interessante é que depois dessa parábola, versículo nove, Jesus disse, aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça.

Isso lembra Jeremias 5:21 e Ezequiel 12:2, onde se diz que o povo de Israel tem olhos, mas não pode ver, e tem ouvidos, mas não pode ouvir. Agora, o significado dessa declaração tem sido amplamente debatido e geralmente há duas opções. É que qualquer um que tenha ouvidos, todos, deve prestar atenção e responder? Ou é que qualquer um que tenha ouvidos, ouvidos espirituais, deve ouvir? E mesmo Marcos não é tão claro necessariamente sobre qual dessas opções.

Por um lado, o contexto disso é para as multidões. Ele está falando para todos. Ele está fazendo essa declaração para todos.

No entanto, nos versículos 11 e 12, ele fala sobre como aos discípulos, o segredo do reino e de Deus foi dado a vocês, mas para aqueles de fora, tudo é dito em parábolas, o que pode indicar que talvez haja uma recepção espiritual. Curiosamente, quando olhamos para as passagens de Jeremias e Ezequiel, há um senso de ambos também, de que as pessoas deveriam estar respondendo, mas não estão.

Isso coloca mais em linha com todos deveriam estar ouvindo isso, bem como uma ocultação quase proposital que está sendo criada, e talvez estivéssemos errados em pressionar muito nisso. Acho que o sentido da passagem aqui é que há esse chamado para as multidões de se vocês deveriam estar ouvindo isso e respondendo, que há um sentido de que todos deveriam estar ouvindo. Olhamos aqui novamente o versículo 10, quando ele estava sozinho, então novamente não nas multidões, a cena mudou.

Os 12 sobre os quais já falamos, esses são os 12 que Jesus orou e então considerou e escolheu para ele e os outros ao seu redor. Então, você tem os 12 e os outros, que indicariam seguidores de Jesus que não eram os 12, perguntaram a ele sobre as parábolas. Ele disse a eles que o segredo ou mistério do reino de Deus foi dado a vocês, mas para aqueles de fora, tudo é dito em parábolas.

E então ele dá uma razão, sobre a qual falarei em um segundo. Mas observe o que é fascinante aqui é que quando falamos sobre segredos, essa não é a ideia de algo misterioso ou estranho. Quando o Novo Testamento fala de segredo ou mistério sendo revelado, é sobre algo que Deus manteve escondido e que agora está sendo aberto.

Paulo, por exemplo, geralmente se refere a algo que estava escondido no Antigo Testamento que agora está sendo revelado como preciso e verdadeiro. A saber, por exemplo, o evangelho indo para as nações. Qual é o segredo que está sendo revelado aqui em Marcos, que é o reino de Deus, é que a chegada de Jesus é a chegada do reino de Deus.

Esse é um segredo que está sendo revelado agora. E os discípulos estão sendo claramente informados claramente. Há uma distinção.

Estamos recebendo essa distinção contínua de dentro do grupo, fora do grupo entre os 12 e os discípulos e os de fora. Temos visto isso em Marcos. O segredo do reino de Deus foi dado a vocês, mas para aqueles de fora, tudo é dito em parábolas.

E então há, mesmo no ensinamento, Jesus está prestes a dar alguma interpretação que está sendo unicamente concedida aos 12 e aqueles ao redor. E então ele dá talvez uma das declarações mais controversas sobre parábolas nos Evangelhos. Para que, versículo 12, eles possam estar sempre vendo, mas nunca percebendo, e

sempre ouvindo, mas nunca entendendo. Caso contrário, eles podem se voltar e ser perdoados.

Agora, essa linguagem lembra Isaías capítulo 6, versículos 9 a 10. E o debate é, a questão é, Jesus está falando em parábolas para propositalmente impedir que os de fora se tornem de dentro? Quando olhamos para a referência de Isaías, no entanto, acho que isso nos ajuda a entender como Jesus pretende essa passagem. Em Isaías 5 a 6, o contexto há um julgamento que está vindo sobre Israel porque, e há uma parábola que é até contada em Isaías, a alegoria da vinha porque Israel falhou em produzir frutos porque eles já haviam demonstrado uma rejeição a Deus.

Deus removeu sua proteção deles, e agora os assírios se tornaram agentes do julgamento de Deus sobre Israel. Os avisos de Isaías então cairão em ouvidos surdos por dois motivos. Primeiro, por causa da infidelidade já demonstrada por Israel.

E segundo, porque agora a infidelidade deles se torna um agente do julgamento de Deus contra eles. Então, o que vemos aqui é Deus respondendo em Isaías à rejeição de Israel e, então, solidificando a rejeição deles para atingir seu propósito e julgamento. Já falamos um pouco sobre essa ideia em Marcos, com a ideia de endurecimento do início do Evangelho, conectada ao Faraó, é claro, como o exemplo clássico.

Ele estava endurecido, ele tinha uma resposta endurecida e teimosa, e então sua resposta foi solidificada para permitir que o plano soberano de Deus fosse demonstrado, para permitir que Deus fosse demonstrado como aquele que tira seu povo da escravidão. Então, eu acho que aqui, de muitas maneiras, as palavras de Jesus são uma declaração de julgamento que resulta da rejeição dele, que ele está falando em parábolas para um grupo que é, especialmente se isso for pensado em termos de liderança religiosa, da maneira como a passagem de Isaías também funciona, para um grupo que já o rejeitou. Vimos isso antes com a controvérsia sobre Belzebu.

Agora, essa rejeição se torna uma realidade endurecida, que será parte do propósito de Deus. A rejeição dos líderes religiosos de Israel é parte da caminhada até a cruz, e então você até vê isso acontecer. E então, eu acho que quando olhamos para essa passagem muito difícil sobre por que Jesus fala em parábolas, ela tem essa ideia de primeiro demonstrar quem realmente está respondendo positivamente.

As parábolas provocam um desejo de saber. Vemos isso nos discípulos, onde os discípulos perguntam, e eles querem saber o que as parábolas significam. Então, as parábolas provocam uma resposta que é em direção a Jesus ou contra Jesus.

Veremos isso se tornar cada vez mais profundo. Mas também que as parábolas são outra maneira de Jesus emitir julgamento contra a liderança religiosa atual que é

semelhante ao que os profetas fizeram também. E Jesus diz isso em Marcos, comparando frequentemente a liderança religiosa e seu povo com aqueles que rejeitaram Deus na história de Israel.

E então Jesus faz a pergunta aos doze e aos que estavam com eles, vocês não entendem esta parábola? Como, então, vocês entenderão qualquer parábola? Eu acho que eles estão até mesmo destacando a ignorância da parte dos discípulos ainda para entender exatamente o que está sendo dito, o que veremos ao longo do Evangelho de Marcos. Então ele prossegue explicando. O fazendeiro semeia a palavra.

Algumas pessoas são como sementes ao longo do caminho onde a palavra é semeada. Assim que ouvem, Satanás vem e tira a palavra que foi semeada nelas. Outros, como a semente semeada nos lugares rochosos, ouvem a palavra e imediatamente a recebem com alegria.

Mas, como não têm raízes, duram pouco tempo. Quando vêm problemas ou perseguições por causa da palavra, eles logo desistem. Assim, outros, como sementes semeadas entre espinhos, ouvem a palavra.

Mas as preocupações desta vida, o engano das riquezas e os desejos por outras coisas entram e sufocam a palavra, tornando-a infrutífera. Outros, como a semente semeada em boa terra, ouvem a palavra, aceitam-na e produzem uma colheita de trinta, sessenta ou até cem vezes mais do que foi semeada. Não vou passar por todas as diferentes ideias aqui.

A explicação parece bem clara. Mas observe que ela está respondendo à pergunta de por que as pessoas estão recebendo, rejeitando ou em algum lugar no meio, os ensinamentos de Jesus. E então Jesus cria uma imagem do que está acontecendo aqui, que a falha não é com o semeador e a falha não é com a semente.

É o solo que determina a resposta. Algumas das diferentes descrições então criam uma imagem tentando explicar por que nem todos estão seguindo Jesus, por que alguns seguem Jesus muito entusiasmadamente no início e depois desistem quando os problemas vêm. Acredito que há uma dica aí, um pouco do que podemos esperar dos discípulos: que eles recebem com alegria, mas então quando os problemas vêm, eles vacilam.

Veremos isso não apenas na Paixão, mas também em todo o texto. E então, finalmente, o que é evidência de solo bom é fruto sustentado, que nesta ideia aqui seria fidelidade e comprometimento. Então passamos para os versículos 21 a 34.

Temos uma série de parábolas. Não vou passar por todas elas neste momento. Só quero destacar algumas.

Vamos talvez olhar para 4:21 a 22. E ele disse a eles: Vocês trazem uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma tigela ou de uma cama? Em vez disso, vocês não a colocam em seu suporte? Pois tudo o que está escondido é destinado a ser revelado, e tudo o que está escondido é destinado a ser trazido à luz. Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.

Novamente, estou retornando àquela declaração. Uma coisa que acho interessante aqui é como a parábola da lâmpada no suporte funciona no Evangelho de Marcos. É um pouco diferente do Evangelho de Lucas.

No Evangelho de Lucas, o propósito das coisas que estão escondidas é que um dia elas serão reveladas. Em outras palavras, a ênfase em Lucas é que o que está escondido agora um dia será revelado. Aqui, ele realmente fala sobre o propósito de esconder as coisas.

É que era para tudo o que está oculto que deve ser revelado. Então, há essa ideia na parábola de Marcos que Jesus está dizendo que é intenção divina esconder coisas para que elas possam ser reveladas. Há um propósito em manter as coisas ocultas.

E esse propósito é a realidade da revelação. E isso não quer dizer que Lucas e Marcos necessariamente discordem um do outro. É para mostrar se Jesus, eu acredito, poderia usar parábolas, parábolas semelhantes, por razões diferentes, de maneiras diferentes.

O versículo 31 a 32 é uma parábola muito, muito famosa. Talvez a peguemos no versículo 30. E novamente, ele disse, como diremos que o reino de Deus é semelhante? Ou que parábola usaremos para descrevê-lo? É como uma semente de mostarda, que é a menor semente que você planta no solo.

No entanto, quando plantada, ela se torna a maior de todas as plantas de jardim, com galhos tão grandes que os pássaros do ar podem pousar em sua sombra. E então, a questão se torna: do que se trata? O reino de Deus é como uma dessas parábolas ilustradas. Bem, a ênfase, eu acho, não está no tamanho que ela se torna, embora haja linguagem sobre galhos e pássaros do ar.

Seria uma parábola muito, muito estranha de usar se fosse para falar sobre quão grande o reino de Deus vai ser. Porque se você olhasse ao redor e olhasse para um arbusto de semente de mostarda ou mesmo uma árvore de semente de mostarda, ela empalidece em comparação com o tamanho de um grande cedro. E eu acho que a parábola, se fosse para enfatizar o tamanho e a grandeza do reino de Deus, essa teria sido talvez uma escolha mais provável.

Então, o que é enfatizado aqui é, na verdade, a menor natureza de seus primórdios. Observe que o reino de Deus é como a semente de mostarda, que é a menor das sementes. E as pessoas têm discutido sobre isso cientificamente.

Eles dizem, bem, não é tecnicamente a menor semente. Jesus está incorreto? Ele não conhece suas sementes? E não é o ponto, não é a precisão disso, mas o reconhecimento de que a semente de mostarda era uma semente extremamente pequena. E então, o que esta parábola apresenta é uma imagem dos começos desfavoráveis do reino de Deus.

O reino de Deus é como a planta de mostarda, pois começa nas menores formas, o que, é claro, já vimos, e então cresce e continua a crescer. E há um relacionamento orgânico. Finalmente, no capítulo 4, as parábolas, versículos 33 e 34, temos uma declaração resumida.

Com muitas parábolas semelhantes, Jesus falou a palavra a eles tanto quanto eles conseguiam entender. Ele não disse nada a eles sem usar uma parábola. Isso fala, eu acho, da importância das parábolas em seu ensino.

Mas quando ele estava sozinho com seus discípulos, ele explicou tudo. E então há esse ensino de parábola que vai para todos, mas para os discípulos está vindo a explicação das parábolas. Nós terminaremos com o resto do capítulo 4 e Marcos na próxima vez.

Obrigado.

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 8 sobre Marcos 4:1-34, Sobre as Parábolas.